

## Macbeth e o livre-arbítrio: por que não devemos ouvir as profecias



**Arnaldo Godoy**

Livre-docente pela USP

*Macbeth* é tragédia de William Shakespeare que data provavelmente de

1606. É uma peça maldita, lembrada por muitas superstições, e recorrentemente adaptada para o cinema. No teatro, algumas representações de *Macbeth* foram marcadas por acidentes e apreensões. Há notícias de assassinatos ocorridos em palcos, cenários que despencaram, incêndios mal explicados. *Macbeth* é um problema real no contexto das tragédias de Shakespeare, especialmente para aqueles que as representaram no palco.

Os temas centrais desta tragédia são a ambição, a luta entre o bem e o mal, a degeneração do caráter, a punição do pecado. *Macbeth* nos mostra o preço devastador que se paga quando a ambição pelo poder é seguida com obsessão. A tragédia também trata da certeza da punição, percepção que se encontra na estrutura moral do teatro elisabetano. É a estória de um ousado usurpador que cometeu uma série de assassinatos com vistas a tomar o poder. Trata-se de um “*serial killer*” do era renascentista.

Essa perturbadora peça sugere muitas reflexões. Suscita inclusive uma abordagem psicanalítica. Sigmund Freud valeu-se da trama de *Macbeth* para tentar explicar o que denominava de ruína do êxito. Trata-se de patologia relativamente comum. Acomete àqueles que se angustiam e se deprimem justamente no momento em que conquistam o que tanto sonharam e pelo que muito lutaram. É o que ocorreu com a esposa de Macbeth assim que soube que seu marido assassinou o rei, e que se tornou rei.

*Macbeth*, é também, e talvez principalmente, um estudo sobre a natureza do mal. O personagem central, Macbeth, é corajoso e interesseiro, tem consciência das consequências de seus crimes; não passa de um usurpador sanguinário. Inicialmente era leal ao rei, seu primo; porém, transforma-se. Sua esposa parece ser má e inescrupulosa. Exerce grande poder sobre o marido. Ela não consegue prever as consequências de seus atos e ao longo da peça vai tomando consciência de suas atitudes. Enlouqueceu e se suicidou. Duncan é o idoso rei da Escócia. Bom, feliz, entusiasmado com Macbeth, jamais suspeitou da traição que o esperava.



A cupidez de Macbeth foi despertada e aumentou na medida em que percebia que uma profecia feita pelas bruxas, de que seria rei, poderia ser realizada. Hesitando, porém sucumbindo à tentação, Macbeth permite-nos reflexão sobre as ambiguidades do bem e do mal e sobre uma questão que nos atormenta: vivemos de acordo com nossas escolhas ou somos dirigidos pelo destino? A peça se encerra com o triunfo do bem sobre o mal, do titular da coroa sobre o usurpador, do honesto sobre o ambicioso. E nos revela um assassino cruel, um homicida compulsivo. Culpado? Porém, ele escolheu seus caminhos?

A tipologia que marca Macbeth é comum nas constatações criminológicas. Basicamente, tem-se um indivíduo cuja propensão para delinquir é latente. A chance acelera o processo, ainda que num primeiro momento o futuro delinquente resista. Vale para todos os tipos de crimes. O indivíduo hesita, pretende mudar de ideia, porém se deixa convencer. Mas não se aceita. Arrepende-se. Deixa-se tomar pelo remorso. Assusta-se. Tem alucinações. Porém, como condição de sobrevivência, deve agir novamente. E o faz. O instinto de Eros sublima a tendência de Tânatos, a paixão pela vida suplanta a curiosidade para com a morte, nos termos de uma formulação aparentemente freudiana.

E a cada novo erro, com o qual procura encobrir um erro anterior, o criminoso se perpétua como tal. Perde a razão. Torna-se refém de um passado do qual não se livra. Seu fim é a vingança alheia, a quem tanto sofrimento causou. É este o roteiro existencial de *Macbeth*. Metaforicamente vencido por Nêmesis, a deusa da vingança, Macbeth jamais conheceu a face de Têmis, a personificação da justiça, da qual era a deusa, e que jamais conheceu.

E porque Macbeth agiu influenciado pela profecia das bruxas, resta saber se o livre arbítrio poderia ser razão suficiente para enfrentarmos as facilidades vãs com as quais as bruxas nos acenam, ainda que saibamos que a vida é luta, e não profecia. Ou se Macbeth resta imune a todo o mal que fez, justamente porque as bruxas ouviu...

## **Meta Fields**